EDITORIAL
Desafios e conexões nas dinâmicas organizacionais, econômicas e sociais contemporâneas

Hélio Arthur Reis Irigaray [1]
Fabricio Stocker [1]

[1] Fundação Getulio Vargas (FGV EBAPE) / Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro – RJ, Brasil

Contemporaneamente, a complexa interligação entre as dinâmicas organizacionais, econômicas e sociais cria um ambiente desafiador e em constante transformação. A interação entre essas dinâmicas influencia diretamente no funcionamento das organizações, no desenvolvimento das economias e na evolução das sociedades. Para compreender essas interações, é essencial explorar as contribuições teóricas e empíricas de autores que têm se debruçado sobre esses fenômenos.

As dinâmicas organizacionais contemporâneas caracterizam-se por uma rápida transformação digital, que impacta não apenas a estrutura interna das organizações, mas também suas relações externas. Segundo Zuboff (2019), a era da "vigilância do capitalismo" transforma as práticas organizacionais, já que dados são utilizados como base para prever e moldar comportamentos. Isso exige das organizações uma reestruturação contínua, de modo que a flexibilidade e a inovação tornam-se cruciais para a sobrevivência. Da mesma forma, Teece (2007) argumenta que as capacidades dinâmicas – ou seja, a habilidade das organizações de integrar, construir e reconfigurar competências internas e externas – são fundamentais para enfrentar os desafios impostos pela transformação digital.

Além disso, o avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs) tem promovido mudanças profundas na dinâmica do trabalho. A crescente adoção de modelos de trabalho remoto e híbrido, impulsionada pela pandemia da COVID-19, alterou a cultura organizacional e as expectativas dos trabalhadores. Schein (2010) aponta que a cultura organizacional é um fator determinante na capacidade de adaptação de uma organização às mudanças externas. As organizações que logram desenvolver uma cultura que valoriza a inovação, a colaboração e a resiliência estão mais bem posicionadas ante as dinâmicas contemporâneas.

No campo econômico, as dinâmicas contemporâneas são marcadas pela globalização e pela interdependência econômica entre nações. A globalização, conforme discutido por Stiglitz (2002), tem promovido uma integração sem precedentes dos mercados, permitindo a livre circulação de bens, serviços, capital e, em certa medida, trabalho. Essa interdependência, no entanto, apresenta riscos, como a propagação de crises financeiras e a crescente desigualdade nas nações e entre países. Harvey (2005) observa que o neoliberalismo, como projeto político-econômico, exacerbou essas desigualdades ao priorizar o capital sobre o trabalho e enfraquecer as redes de proteção social.

Essas dinâmicas econômicas exigem que as organizações adotem uma perspectiva global em suas estratégias, o que inclui a necessidade de gerenciar cadeias de suprimentos complexas e responder a pressões regulatórias e culturais diversificadas. Porter (1985) ressalta a importância da vantagem competitiva em um ambiente globalizado, destacando que as empresas devem continuamente inovar e otimizar seus processos para se manterem competitivas.

As dinâmicas sociais contemporâneas são influenciadas por temas de sustentabilidade e justiça social. A sociedade tem exigido que organizações e governos adotem práticas mais sustentáveis e socialmente responsáveis. Elkington (1997) introduziu o conceito do "*triple bottom line*", por meio do qual defende que o sucesso de uma organização não deve ser medido apenas pelo desempenho financeiro, mas também pelo impacto social e ambiental. Esse conceito tem ganhado relevância, impulsionando empresas a considerar a sustentabilidade em suas estratégias de longo prazo.

As questões de equidade e inclusão também estão no centro das dinâmicas sociais contemporâneas. Autores como Sen (1999) e Nussbaum (2011) discutem a importância do desenvolvimento humano como um fim em si mesmo e salientam, por sua vez, a necessidade de políticas e práticas que promovam a igualdade de oportunidades e o empoderamento das comunidades marginalizadas. A pressão por maior diversidade e inclusão nas organizações refletem essas dinâmicas, levando empresas ao reexame de suas práticas de recrutamento, desenvolvimento de talentos e cultura organizacional.

DOI: https://doi.org/10.1590/1679-395191502

A interseção dessas dinâmicas gera desafios e oportunidades que exigem uma abordagem integrada e sistêmica. Como sugere Giddens (1990), a modernidade tardia é caracterizada por uma reflexividade que obriga indivíduos e organizações à reavaliação e ao ajuste permanentes de suas práticas em resposta às mudanças econômicas e sociais. Nesse contexto, as organizações que conseguem alinhar suas práticas organizacionais às demandas econômicas globais e às expectativas sociais em torno da sustentabilidade e responsabilidade corporativa têm maiores chances de prosperar em um ambiente competitivo.

Este editorial apresenta uma nova coleção de artigos científicos que abrangem temas diversos, mas interligados pela busca de uma compreensão mais profunda das dinâmicas organizacionais, econômicas e sociais contemporâneas. Os autores oferecem reflexões, estudos de caso e revisões literárias que concorrem para a expansão do entendimento sobre inovação, economia circular, mobilidade acadêmica e a crescente digitalização no contexto empresarial, entre outros tópicos. Cada artigo aqui resumido traz uma contribuição significativa para seus respectivos campos de estudo, oferecendo *insights* valiosos a acadêmicos, profissionais e formuladores de políticas.

No primeiro artigo, Fábio José dos Santos, Felipe Mendes Borini e Moacir de Miranda Oliveira Júnior exploram os microfundamentos da criação de capacidades de inovação nas organizações. Os autores empreendem uma revisão sistemática da literatura, aliada a um estudo de casos múltiplos com *startups* de base científica. Identificam três microfundamentos essenciais: aprendizagem, cognição e rotina. O estudo proporciona uma visão organizada do processo de criação de capacidades de inovação, enriquecendo tanto a literatura acadêmica quanto a prática empresarial, ao disponibilizar um *framework* útil ao aprimoramento de processos criativos e inovadores nas organizações.

O segundo artigo, de autoria de Silas Dias Mendes Costa, Samara de Menezes Lara e Kely César Martins de Paiva, apresenta uma investigação dos níveis de comprometimento afetivo e consentimento organizacional entre jovens aprendizes brasileiros. Mediante estudo abrangendo mais de 2.500 jovens, os autores analisam a base afetiva do comprometimento e a obediência no consentimento organizacional. Os resultados mostram um elevado vínculo afetivo e forte ajuste a papéis organizacionais, com implicações importantes para a gestão de talentos e políticas de desenvolvimento de jovens profissionais. Para futuros estudos, sugerem uma agenda que inclua as variáveis socioeconômicas que influenciam esses vínculos.

No terceiro artigo, Florence Cavalcanti Heber Pedreira de Freitas, Edgilson Tavares de Araújo, Rodrigo Teles Dantas de Oliveira e Rodrigo Mascarenhas Amorim discutem a emergência da economia circular no Brasil, focando nas questões de inclusão social dos catadores de recicláveis. Os autores abordam as desigualdades que podem ocorrer se a economia circular for implementada sem o devido reconhecimento e a valorização dos catadores, e propõem, diante desse contexto, uma gestão social que promova a inclusão e a governança no âmbito político. O ensaio contribui para um debate crítico a respeito das implicações sociais da economia circular e das políticas necessárias para garantir que todos os atores envolvidos sejam beneficiados.

Viviane Pisano, Jacques Demajorovic e Gina Rizpah Besen apresentam, no quarto artigo, uma avaliação do impacto das Redes de Cooperativas de Catadores (ROC) no desempenho de suas organizações afiliadas. A pesquisa, baseada em indicadores de sustentabilidade adaptados, revela que as ROC têm contribuído significativamente para a melhoria da coleta e separação de recicláveis, produtividade, equidade de gênero, e para as condições de saúde e segurança. Contudo, também evidencia desafios relacionados ao desnivelamento estrutural entre os empreendimentos que compõem as redes e a necessidade de equilíbrio entre apoio governamental e autogestão.

No quinto artigo, Elaine de Souza Silva e João Felipe R. Sauerbronn examinam o papel da confiança no sistema de mercado de auditoria. Os autores exploram a atuação da confiança como técnica de governamentalidade e atributo valioso no mercado. Utilizando teorias do *macromarketing* e da governamentalidade, discutem como a confiança é estratégica nas relações de poder e se transforma em um escasso instrumento de governança dos sistemas de mercado.

Anderson de Souza Sant'Anna, Fátima Bayma de Oliveira e Daniela Martins Diniz, no sexto artigo, exploram a integração das teorias de Spinoza e Winnicott, com o objetivo de compreender a dinâmica entre organizações contemporâneas e indivíduos. Os autores propõem uma estrutura teórica que enfatiza a adaptabilidade, inovação e capacidade de resposta, e ressaltam a importância de um ambiente de suporte que promova a criatividade, o bem-estar e a inclusão nas organizações.

O sétimo artigo, escrito por Daniela de Cunto Bueno e Elaine Tavares, mapeia as controvérsias e os atores envolvidos na regulamentação da telemedicina no Brasil. Por meio da teoria ator-rede, os autores identificam os principais porta-vozes e as interseções entre controvérsias éticas, financeiras e de infraestrutura, oferecendo um panorama abrangente das dinâmicas e desafios na implementação da telemedicina.

Janaína Maria Bueno, Carlos Roberto Domingues, Ester Paula dos Santos e Alex Rodrigues Zani, no oitavo artigo, conduzem uma revisão bibliométrica e integrativa sobre a mobilidade acadêmica internacional (MAI). Analisando publicações entre 2005 e 2022, os autores identificam os principais tópicos de pesquisa, teorias utilizadas e grupos de interesse. Com base nos resultados obtidos, sugerem a necessidade de estudos focados em políticas educacionais e sociais que reduzam desigualdades na MAI.

No nono artigo, Cristiane Mascarenhas Leite, Paulo Soares Figueiredo, Sérgio Paulo Maravilhas Lopes e Francisco Uchoa Passos propõem um modelo para mensurar a transformação digital nas organizações, destacando três direcionadores e nove dimensões que podem servir de base para a sua implementação. O estudo fornece um *framework* preliminar que pode orientar futuras pesquisas e auxiliar organizações a se adaptarem com êxito à era digital.

O décimo e décimo primeiro artigos consistem em estudos de caso que exploram desafios contemporâneos enfrentados por empresas brasileiras. Gustavo Franco de Oliveira e Mel Girão analisam a transformação digital na Bacio di Latte, e Marcello Romani-Dias e Jorge Carneiro discutem a fidelização de clientes na Raia Drogasil por meio de canais digitais. Ambos os casos oferecem importantes lições sobre a adaptação de empresas a novos paradigmas digitais.

Na resenha bibliográfica, Gustavo Henrique Petean investiga como a gestão pode comprometer a segurança no trabalho e propõe alternativas que promovam sistemas resilientes.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

Elkington, J. (1997). *Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business*. Capstone Publishing.

Giddens, A. (1990). *The consequences of modernity*. Polity Press.

Harvey, D. (2005). *A brief history of neoliberalism*. Oxford University Press.

Nussbaum, M. C. (2011). *Creating capabilities: The Human Development Approach*. Belknap Press of Harvard University Press.

Porter, M. E. (1985). *Competitive advantage: Creating and Sustaining Superior Performance*. Free Press.

Schein, E. H. (2010). *Organizational culture and leadership*. Jossey-Bass.

Sen, A. (1999). *Development as freedom*. Oxford University Press.

Stiglitz, J. E. (2002). *Globalization and Its Discontents*. W.W. Norton & Company.

Teece, D. J. (2007). Explicando as capacidades dinâmicas: a natureza da empresa, seus impactos e implicações para o empreendedorismo e a inovação. *Strategic Management Journal*, *28*(13), 1319-1350.

Zuboff, S. (2019). *The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*. PublicAffairs.

Hélio Arthur Reis Irigaray
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9580-7859

Doutor e Mestre em Administração de Empresas pela FGV EAESP e PUC-Rio, respectivamente; Bacharel em Economia pela University of Northern Iowa, EUA; Professor Adjunto da FGV EBAPE e do programa CIM (Corporate International Masters), da Georgetown University, Washington, EUA; Líder do tema Diversidade e Relações de Trabalho, na linha de Gestão de Trabalho (ANPAD). E-mail: helio.irigaray@fgv.br

Fabricio Stocker
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6340-9127

Doutor em Administração pela FEA/USP; Ph.D. em Management pela Erasmus University of Rotterdam; Pesquisador visitante na University of Amsterdam; Mestre em Administração pela UFPR; MBA pela FGV e pela London Business School; Economista e Administrador; Professor da FGV na graduação on-line, MBA e Pós-Graduação; Atua como Editor Adjunto no Cadernos EBAPE.BR. E-mail: fabricio.stocker@fgv.br